

## COLÔNIAS DE FÉRIAS: DISCIPLINA E BIOPOLÍTICA INFANTIL

**Recebido em:** 18/11/2016

**Aceito em:** 24/08/2017

*Rafael da Silva Mattos*  
*Stephany de Sá Nascimento*  
*Leonardo Hernandes Oliveira*  
*Juliana Brandão Pinto de Castro*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

*Fernanda Aquino*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

**RESUMO:** O presente trabalho versou sobre o biopoder e o poder disciplinar à luz de Michel Foucault, na intenção de discutir alguns saberes e práticas características das Colônias de Férias. Estas são espaços informais de ensino-aprendizagem com atividades lúdicas, cooperativas, competitivas e coletivas, objetivando a promoção do lazer. A partir dessa pesquisa, encontramos fortes propriedades do poder disciplinar e da biopolítica na educação e regulação dos corpos nas Colônias de Férias pesquisadas. O poder disciplinar se manifesta por meio da presença de atividades obrigatórias, regulação de costumes, da vigilância permanente, entre outros. A biopolítica, discutida por Foucault, aparece por intermédio da preocupação com a saúde da população que, por vezes, é colocada como prioridade, acima das escolhas dos indivíduos, dos desejos das crianças e das finalidades sociopolíticas da educação.

**PALAVRAS CHAVE:** Férias e Feriados. Criança. Atividades de Lazer.

### THE VACATION CAMP: INFANT DISCIPLINE AND BIOPOLITICS

**ABSTRACT:** The present study examines biopower and disciplinary power, according to Michel Foucault, in order to discuss about some knowledge and practices of Vacation Camps. These camps are teaching-learning informal spaces where recreational, cooperative, competitive and collective activities are found, aiming at promoting leisure time. From this research, we found strong properties of disciplinary power and biopolitics in education and regulation of bodies in the Vacation Camps studied. The disciplinary power exists through the presence of mandatory activities, regulation of habits, permanent surveillance, among others. The biopolitics, discussed by Foucault, emerges from the concern for the health of

population, which is sometimes placed as a priority, staying above the individuals' choices, children's desires and sociopolitical purposes of education.

**KEYWORDS:** Holidays. Child. Leisure Activities.

## **Introdução**

Colônias de Férias são espaços informais de ensino-aprendizagem para crianças no período de férias escolares, onde um grupo de profissionais especializados constrói previamente o roteiro de atividades e um cronograma a ser executado. Esses eventos são muito disseminados no Brasil e os profissionais mais envolvidos são os profissionais de Educação Física (SILVA, 2008).

As características de uma Colônia de Férias dependem da instituição ou do estabelecimento que a organiza. Encontramos Colônias de Férias sob a administração de universidades, academias, escolas, clubes, equipes de saúde, dentre outros. Isso influencia diretamente na determinação das finalidades de cada evento. Apesar de serem consideradas como espaços voltados principalmente para a promoção do lazer, as Colônias de Férias também envolvem questões educativas e promoção da saúde (SILVA; BRETAS; CALDAS, 2013).

Neste estudo, o lazer será entendido a partir da perspectiva de Marcellino (2006), que afirma que o lazer é um momento de descanso e também oportunidade para o desenvolvimento social e pessoal daqueles que desfrutam desse tempo. Dessa forma, é importante que os profissionais tenham a consciência de que podem utilizar atividades para estimular o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos.

Segundo Isayama (2009), é de suma importância que os profissionais responsáveis pelos espaços de lazer sejam capazes de considerar a realidade cotidiana do grupo e que o trabalho seja construído coletivamente, abrangendo o contexto sociocultural da maneira mais ampla possível.

As Colônias de Férias são consideradas frequentemente como “pacotes de lazer” com um fim restrito ao consumo. Uma das causas dessa visão é a atuação institucionalizada dos profissionais, que pode gerar a não participação dos sujeitos por meio da dominação sociocultural, assim como Isayama (2009, p. 409) explica:

Por meio do discurso da competência, o profissional da Educação Física que atua na perspectiva do lazer pode privilegiar a adaptação dos sujeitos aos modelos sociais de comportamento tidos como “corretos”. Além disso, trabalha-se a serviço da visão de mundo das classes dominantes, escamoteando as diferenças de classe social e de poder, supondo que os indivíduos são os principais responsáveis pela posição que ocupam na estrutura social.

Ainda com o fim voltado para o consumo, podemos retomar a noção de “indústria cultural”, proposta por Adorno (2003) que versa sobre o caráter ilusório do modo de produção econômico cujo lucro é o objetivo final. Na sociedade, qualquer produto artístico ou cultural seria transformado em mercadoria para atender às demandas comerciais. É o caso das Colônias de Férias, ao incorporar práticas que reproduzem e mantêm os interesses da indústria capitalista e, ao mesmo tempo, as ideias que servem para a própria perpetuação e legitimação dessa indústria e, por conseguinte, a sociedade capitalista como um todo:

[...] a verdade disso é que o poder da indústria cultural vem de sua identificação com a necessidade produzida, e não da oposição a ela, seja uma oposição entre a onipotência e a impotência. – O entretenimento é a extensão do trabalho sobre o capitalismo tardio. Ele é procurado por quem quer escapar do processo de trabalho mecanizado, para então encará-lo novamente. Ao mesmo tempo, porém, a mecanização tem tamanho poder sobre o lazer e a felicidade do homem; ele determina tão profundamente a

fabricação das mercadorias destinadas à diversão que ele pode aprender nada mais do que as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 2003, p. 56, tradução nossa).<sup>1</sup>

A Colônia de Férias pode ser considerada como um dispositivo designado a disciplinar corpos em ação. Foucault (1999; 2005) problematiza os fundamentos das instituições a partir das discussões sobre as disciplinas e a biopolítica como tecnologias de poder ampliadas e reforçadas por instituições que utilizam instrumentos de controle. O poder disciplinar é constituído por uma manipulação calculada dos elementos do corpo, dos seus gestos e comportamentos. A distribuição dos indivíduos no espaço é um campo de atuação desta tecnologia de poder.

As instituições possuem a finalidade de adestrar os corpos dentro de uma relação de docilidade-utilidade. Para isso, são utilizadas várias técnicas minuciosas de controle do corpo. Outros artifícios de controle que podemos perceber em determinadas épocas das Colônias de Férias que discutiremos neste trabalho é a justificativa da saúde como fundamento das Colônias de Férias.

Outra tecnologia de poder estudada por Foucault (2005), a biopolítica, também será abordada neste estudo. Diferentemente do poder disciplinar, que atua sobre o corpo individual, a biopolítica é um conjunto de biopoderes que atua sobre as massas e sobre a

---

<sup>1</sup> Tradução nossa de "Amusement, alle Elemente der Kulturindustrie, hat es längst vor dieser gegeben. Jetzt werden sie von oben ergriffen und auf die Höhe der Zeit gebracht. [...] Soviel ist richtig daran, daß die Gewalt der Kulturindustrie in ihrer Einheit mit dem erzeugten Bedürfnis liegt, nicht im einfachen Gegensatz zu ihm, wäre es selbst auch der von Allmacht und Ohnmacht. - Amusement ist die Verlängerung der Arbeit unterm Spätkapitalismus. Es wird von dem gesucht, der dem mechanisierten Arbeitsprozeß ausweichen will, um ihm von neuem gewachsen zu sein. Zugleich aber hat die Mechanisierung solche Macht über den Freizeitler und sein Glück, sie bestimmt so gründlich die Fabrikation der Amüsierwaren, daß er nichts anderes mehr erfahren kann als die Nachbilder des Arbeitsvorgangs selbst."

população como um todo. Para isso, ela estabelece diversos mecanismos reguladores para controlar a vitalidade humana.

É a partir dos protocolos estatísticos e da medicalização da vida que a biopolítica consegue controlar os processos biológicos (FOUCAULT, 2005). A perspectiva influente da medicina é utilizada para o controle social no instante em que compreende vários interesses (BARBIANI *et al.*, 2014). Aqui apresentaremos a presença destes elementos, principalmente, nas primeiras Colônias de Férias que eram utilizadas como medidas da medicina higienista para o controle de doenças infectocontagiosas e parasitárias na Modernidade, sobretudo no período da Revolução industrial.

Goffman (1974) afirma que as colônias são instituições totais dedicadas a realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho. O autor as incluiu em uma lista onde constam quartéis, navios, campos de trabalho e escolas internas. Nestas instituições, todos os aspectos da vida são cumpridos no mesmo local e sob uma autoridade; cada fase das atividades diárias é realizada na companhia imediata de um grupo grande de outras pessoas que são tratadas da mesma forma e obrigadas a realizar as mesmas coisas em conjunto; e as atividades diárias são estabelecidas em horários e o tempo para a realização de cada atividade é predeterminado. A partir disso aparecem diversas espécies dentro do gênero colônia: de loucos, de presos, de férias.

O objetivo do presente ensaio é analisar o percurso histórico das finalidades das Colônias de Férias a partir do referencial teórico-conceitual de Michael Foucault (1999; 2001; 2005; 2014). A expectativa é que esta análise nos permita identificar de que formas as relações de poder e dominação operam nas Colônias de Férias e compreender os

discursos e práticas sobre esses ambientes como locais de promoção da saúde, lazer e educação.

Este ensaio deriva da dissertação de Mestrado elaborada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto.

### **A Biopolítica e a Medicalização nas Primeiras Colônias de Férias**

As Colônias de férias surgiram em 1876 por responsabilidade do Pastor e Assistente Social Walter Bion (1830-1909), considerado o Fundador das Colônias de Férias (MORAES, 1906; HAUSMANN, 1955). Bion, ao passear com cinco crianças nas montanhas de Appenzell, na Suíça, percebeu os resultados benéficos da exposição ao ar puro na saúde dessas crianças. Em 1878, aconteceu a primeira estadia de crianças em montanhas, quando 68 crianças pobres acompanhadas de professores passaram 14 dias no cantão suíço de Appenzell com a finalidade principal de desfrutarem do ar puro, de uma alimentação simples e do contato com a natureza (MORAES, 1906).

Bion também tinha o objetivo de fazer com que aquelas crianças tivessem experiências da vida rural, consideradas mais saudáveis e corretas moralmente naquela época. Por isso, em diversos momentos, as crianças jogavam, cantavam e caminhavam, sempre com a supervisão de um professor (DALBEN, 2014).

Neste primeiro instante, a principal justificativa para tais acampamentos era a falta de ordem sanitária das zonas urbanas. A emigração das zonas rurais para as zonas urbanas e industriais, na segunda metade do século XIX, gerou a piora das condições de vida de

classes populares urbanas. As moradias eram pequenas e um demasiado número de pessoas viviam aglomeradas. Além disso, as casas eram sem luz, não possuíam ventilação adequada e o ar era poluído. Essas condições favoreciam a propagação de diversas doenças, principalmente a tuberculose, grande mal da época (PITANGA, 2002).

Durante as férias escolares, as crianças ficavam ainda mais expostas aos ambientes insalubres devido ao tempo prolongado em que permaneciam em casa e na rua. Já que não era possível afastar o mal das cidades, a solução era afastar aqueles que possuíam uma saúde vulnerável para que, quando retornassem, pudessem suportar melhor as condições precárias em que viviam. Ou seja, as colônias de férias eram uma das medidas desesperadas utilizadas na época para minimizar o caos que se instalava nas grandes cidades (MORAES, 1906; DALBEN, 2014).

A questão das colônias de férias suscita investigar as regras de formação dos objetos para individualizar o discurso sobre a colônia de férias como instituição funcional de preservação da vida. A especificidade do discurso higienista enuncia a produção de uma verdade não no nível da teoria da criança, que encontra o essencial da relação histórica entre bondade e maldade, mas é na relação direta com a criança considerada o sujeito saudável da nação. É preciso analisar historicamente as condições de possibilidade das colônias de férias como práticas institucionais de internamento e as transformações econômicas e políticas que a elas se articulam.

Para Foucault (2014) o capitalismo não provocou a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada e individualista. Ocorreu o contrário. O capitalismo no final do século XVIII e início do século XIX socializou o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não opera

simplesmente pela ideologia, consciência, mas também pelo corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que a sociedade capitalista, antes de tudo, investiu. A saúde da criança foi objetivada pelas relações de poder e saber.

A Colônia de Férias, mais do que um momento de lazer, tornou-se um dispositivo de poder fortemente marcado pela vigilância panóptica. O utilitarismo de John Stuart Mill (2005), influenciado por Jeremy Bentham (1748- 1832), fica evidente quando as ações pedagógicas na Colônia de Férias são fundamentadas no princípio da utilidade biopolítica.

Para Toulhier (2008), as Colônias de Férias se equiparavam a asilos, hospitais e sanatórios localizados fora dos centros, geralmente no mar ou nas montanhas. Foucault (1999) utiliza estas instituições para exemplificar locais onde o poder disciplinar predomina. Acreditava-se que os efeitos nocivos da Revolução Industrial afetavam não só a saúde, mas a moral. Com isso, as crianças passavam uma temporada isoladas, voluntária ou involuntariamente, muitas vezes sob uma rígida disciplina que tinha a finalidade de prevenir ou reduzir a delinquência infantil.

Caponi (2012), ao abordar a Teoria da Degenerescência<sup>2</sup> de Benedict Morel (1809-1873), aponta para uma forma de terapia destinada especificamente aos asilos, o que chamou de “profilaxia preventiva”. Dessa forma, acredita-se que o confinamento de indivíduos que possuem uma enfermidade evita danos à sociedade. Outras estratégias também são utilizadas, como o tratamento do estado agudo e o tratamento moral.

---

<sup>2</sup> A Teoria da Degenerescência considera o desvio doentio de um tipo primitivo transmitido hereditariamente. Por mais simples que seja o desvio doentio, ele sempre possuirá elementos de transmissibilidade que ameaçará o progresso intelectual de seus descendentes. Os processos de degeneração são resultados de influências mórbidas, de ordem física e moral, que respondem a características gerais e específicas (MOREL, 2008).

O tratamento do estado agudo consiste na intervenção médica para resolver doenças físicas provenientes de problemas sociais e morais, como ambientes insalubres. Estas enfermidades precisam ser assistidas, caso contrário, poderão produzir degenerações em descendentes. Já o tratamento moral consiste na ação do médico na vida dos degenerados. Trata-se do conjunto de regras que são impostas à população inteira, trata-se de uma profilaxia preventiva universal para qualquer ser humano que apresente qualquer desvio (CAPONI, 2012).

Carvalho e Roseiro (2015), ao pontuarem a escola como um lugar de controle exacerbado, percebem que a vida que prevalece em ambientes com estas características é controlada e passiva, com comportamentos idealizados. A partir disso, podemos perceber que, apesar de as Colônias de Férias serem consideradas muito importantes para a saúde da sociedade naquela época, elas também eram utilizadas para um tipo de gerenciamento dos indivíduos. Esse modelo de gerenciamento envolvia a ideia dos cuidados com o corpo e saúde veiculada à educação moral.

A presença da biopolítica fica ainda mais concreta quando refletimos sobre a ação de colocar em quarentena as crianças que viviam em condições precárias. O pensamento era simples: afastando-as dos centros urbanos, onde as condições de vida eram insalubres, elas teriam menos chances de contaminação e, conseqüentemente, menos chance de repassarem a doença para outras pessoas.

Foucault (2001) afirma que a construção de uma rede institucional complexa envolvendo a justiça e a medicina tem a finalidade de recepcionar os “anormais”<sup>3</sup> e, ao mesmo tempo, defender a sociedade. As justificativas para essas técnicas estariam apoiadas na Teoria de Degenerescência, que fundamentava social e moralmente todas as técnicas de detecção, classificação e intervenção dos “anormais”. Quando pensamos que o biopoder está relacionado com a regulação de conjunto e com as estruturas de segurança a partir da observação de fenômenos como as condições sanitárias das cidades e o fluxo de contaminações e infecções, fica claro reconhecer sua influência nesta situação. Dessa forma, a medicina reconhecia as Colônias de Férias como uma necessidade, visto que protegiam a saúde não só das crianças, mas da população.

Foucault (2014) afirma que é a partir do século XIX que o pobre aparece como um perigo. Um dos motivos é a contaminação tanto dos pobres e da população proletária. Isso torna o pobre um perigo sanitário e político para a cidade. A medicina inglesa torna-se social à medida que constrói uma legislação que admite o controle médico do pobre. O pobre então se beneficia do sistema de assistência e, exatamente por isso, é obrigado a se submeter a diversos procedimentos de controle médico. Assim, a classe rica fica protegida.

A Colônia de Férias, como uma forma de assistência gratuita para os pobres, procura reduzir as chances de os ricos serem vítimas de fenômenos epidêmicos. Estas instituições eram caracterizadas por uma medicina de essência controladora que tornaria a

---

<sup>3</sup> Segundo Foucault (2001), anormais são todos os que não se enquadram nas normas, abrangendo tanto os anormais físicos, quanto os morais. Para o autor, o tratamento dos anormais era por exclusão, ou seja, eram simplesmente excluídos do convívio social.

classe rica protegida, principalmente da tuberculose, por meio do controle da saúde e o corpo do pobre.

As rotinas das Colônias de Férias não eram muito detalhadas (TOULIER, 2008). Na verdade, as rotinas eram basicamente compostas por três pilares que não eram considerados tão inovadores para a época. As recomendações eram: exercícios físicos, alimentação regrada e rica e exposição ao ar livre, já conhecidas como importantes para a promoção da saúde. Porém, a grande diferença era o distanciamento das áreas urbanas que as colônias de férias possibilitavam (DALBEN, 2014).

Podemos ver aqui que havia a necessidade de unir o saber médico com os artefatos juristas; o saber médico a partir da instituição de comportamentos que os indivíduos deveriam seguir e os artefatos juristas no momento em que se criava uma base legal para que os parâmetros fossem respeitados (FOUCAULT, 2001). O higienismo considera exatamente isso, os princípios médicos que devem ser obedecidos cegamente, pois são tomados como verdade. Ademias, é considerado como um movimento de profilaxia da anormalidade e referência para estabelecer uma conduta normal e moral (ABREU JUNIOR; GUIMARÃES; CARVALHO, 2009).

Devido à preocupação sanitária, a maioria das Colônias de Férias era considerada uma medida de saúde pública de responsabilidade da medicina. No meio científico, as Colônias de Férias foram divulgadas como medida de assistência infantil e eram assunto muito discutido nos congressos de medicina da época. Durante os congressos internacionais, a apresentação de alguns dados antropométricos fez com que as Colônias ganhassem cada vez mais visibilidade no meio científico. Esses dados eram coletados antes e durante as Colônias exatamente com essa intenção (TOULIER, 2008).

Segundo Moraes (1906), as principais medidas realizadas nas crianças eram a aferição da massa corporal, a circunferência torácica e a estatura. Algumas associações também investigavam o estado sanguíneo. No entanto, o autor afirma que, em alguns casos, havia exagero e as crianças eram obrigadas a realizar mais de 10 medidas. Nessa época, era comum utilizar a variação quantitativa de um padrão medicinal considerado como referência para designar o que era normal ou não. Sendo assim, os dados antropométricos, a partir da estatística, eram a prova da funcionalidade das Colônias de Férias para a sociedade e, principalmente, para a ciência.

O conceito de medicalização auxilia a compreensão dos efeitos políticos e sociais dos programas de saúde pública. Destarte, medicalização pode ser entendida como o conjunto de elementos que esses programas utilizam para a expansão do poder médico na sociedade. Os problemas sociais são designados a partir da terminologia médica e da saúde, tornando as soluções médicas legítimas (LECHOPIER, 2015). Segundo Barbiani *et al.* (2014), o processo de medicalização, a partir do olhar predominante do médico e de seu uso para o controle social, incorpora vários interesses: políticos, econômicos e científicos.

Podemos entender esses exames como os reguladores, cujo objetivo é agrupar os efeitos próprios da população e controlar os eventos e a mudança de seus acontecimentos (FOUCAULT, 2005). Canguilhem (2009) afirma que o fisiologista parece encontrar, na definição de média, um equivalente objetivo e cientificamente válido do conceito de normal ou de norma. Dessa forma, o corpo vivo era uma forma de conferir parâmetros para avaliar o seu desenvolvimento, numa racionalidade científica que estabeleceria padrões numéricos para qualificar o corpo como saudável. Canguilhem (2009) critica o conceito de média

utilizado pela medicina, pois esta média é obtida de maneira estatística e isso não é capaz de avaliar a subjetividade do indivíduo.

Para Caponi (2009, p. 533-534), “as estatísticas contribuem para dotar esse processo de maior objetividade, multiplicando taxas de mortalidade e morbidade, taxas de natalidades e dados sobre a distribuição de epidemias e doenças”. Para a autora, as estatísticas são como um instrumento da norma a partir do momento em que se associa o conceito de saúde com o de normalidade. Então, qualquer variação será considerada de valor negativo e, por isso, de algum modo uma intervenção deverá ser realizada.

São as relações de poder que constituem o saber e, da mesma forma, todo saber constitui novas relações de poder. Para Foucault (2014), saber e poder estão diretamente ligados, ou seja, não existe conhecimento que não constitua novas relações de poder; ao mesmo tempo, toda relação de poder constitui um novo saber. Assim, é a partir de relações de poder que se constroem os discursos sobre a saúde e esses discursos produzem novas relações de poder na medida em que constituem novos saberes.

Nesse sentido, entendemos que

[...] todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que a constituem (FOUCAULT, 2014, p. 28).

Muitas vezes, o poder é pensado como algo repressivo, como uma força que ilustra certa autoridade de maneira que aquele que não faz parte dessa força deve ou ser a ela subjugado ou contra ela se rebelar. Essa é, certamente, uma manifestação do poder, mas não a única. Na verdade, o poder que se mantém na sociedade não é aquele que diz não

com determinada autoridade, mas aquele que, silenciosamente, produz saber, produz discurso. Afinal, “se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” (FOUCAULT, 2014, p. 44). Ou seja, se o poder é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. Desse modo, o poder não impede o saber, mas o produz (FOUCAULT, 2014).

De fato, o poder é algo que não está com alguém ou com alguma instituição, mas se exerce, só existe quando circula; não está localizado ou apropriado, ele é exercido em rede; o poder passa pelos indivíduos, e não é a eles aplicado. Para Foucault (2014, p. 369),

[...] o poder não existe. [...] a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanado de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.

Assim, o hospital não é apenas uma instituição de cura, mas também um local em que se exerce produção, acúmulo e transmissão do saber. A escola está na origem da pedagogia; a prisão, na criminologia e assim por diante. Todo saber sustenta o exercício de um poder (FOUCAULT, 2014).

As Colônias de Férias não eram apenas um local voltado para a prevenção de doenças e para a educação da moral, mas uma instituição que produzia saber científico. Os exames eram uma forma de fiscalização e uma maneira de provar para a sociedade que a intervenção, neste caso, a Colônia de Férias, era eficaz. Além disso, a discussão sobre os

benefícios das Colônias de Férias em congressos e estudos científicos da medicina evidenciava ainda mais o controle e a gestão da vida sobre a população quanto espécie.

Isso alimentava um campo de saber que articulava o que a sociedade deveria fazer em relação ao corpo e à saúde para que pudesse ser adequado à norma. Da mesma forma, o interesse em se adequar a esta norma surge do medo de um sofrimento que, para ser evitado, deve obedecer algumas prescrições. Assim, haveria a conquista de uma sociedade saudável, feliz, satisfeita e/ou livre de contaminações, como era preconizado no episódio aqui abordado.

### **As Colônias de Férias como Instrumento do Poder Disciplinar**

A partir da segunda metade do século XX, a motivação medicinal das Colônias de Férias foi reduzida, principalmente por causa da evolução dos medicamentos na cura e na prevenção das doenças (DALBEN, 2014). Já não fazia mais sentido utilizar o isolamento e o contato com a natureza para prevenir certas doenças, uma vez que a medicina e a ciência já haviam encontrado outras formas de tratamento. No entanto, percebeu-se que a rotina, a convivência e as experiências vividas pelas crianças naquele período constituíam um importante instrumento educativo. Assim, o fator pedagógico passou a justificar as Colônias de Férias (STEINHILBER, 1995; DALBEN, 2014).

De fato, desde as primeiras Colônias já se percebiam os resultados benéficos sociais e intelectuais após a estadia em tais eventos. Os responsáveis pelas Colônias de Férias, ao manterem contato com professores, percebiam a redução de faltas e um aumento de interesse das crianças pelas atividades da escola. Atribuíaam estes resultados positivos à instrução e aplicação de conteúdos com mais prazer durante as férias (MORAES, 1906).

Estes resultados eram considerados menos palpáveis pelos estudiosos da época e, por isso, tidos como menos importantes. Mesmo assim, ainda que a educação não fosse a principal finalidade das Colônias de Férias, fica explícito um mínimo interesse no desenvolvimento social e intelectual das crianças. Já nessa época, alguns especialistas diziam que era importante ensinar algo para as crianças durante as férias, mas não poderia ser algo exagerado e controlador, pois os efeitos seriam mais negativos que positivos (MORAES, 1906).

Há relatos de que a primeira Colônia de férias no Brasil aconteceu em 1930, no Rio de Janeiro, com o objetivo de ocupar os filhos dos militares, estimulando o patriotismo, sem fugir do contexto higienista ainda presente na época (STEINHILBER, 1995). Mesmo assim, já era possível ver que a preocupação envolvia outras áreas da vida das crianças que participavam das Colônias de Férias, como podemos perceber em uma carta enviada pelo médico Humberto Ballariny, do Rio de Janeiro, à seção de Recreação e Colônias de Férias do Rio Grande do Sul (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1943, p. 1):

Que inspirados sejam todos os dirigentes do nosso amado Brasil, na perfeita compreensão dos imensos benefícios e vantagens que podem proporcionar a toda juventude nacional, através deste elemento regenerador de saúde, alegria e força que são as Colônias de Férias.

Podemos perceber que as Colônias eram muito valorizadas e, assim como em outros países, os médicos eram responsáveis por elas. Porém, já havia uma preocupação que ia além da saúde das crianças.

Berto; Ferreira Neto e Schneider (2009) verificaram que, além de serem consideradas instituições de educação extraescolares, as Colônias de Férias eram tidas

como um plano para o futuro da nação e uma forma de apresentar noções de saúde e higiene para os participantes. A finalidade também era desenvolver aquelas crianças para que fossem civilizadas e prontas para o progresso, homens do amanhã. Os principais propósitos eram de regeneração, civilização e nacionalização a partir da disciplina.

Na época da Ditadura Militar no Brasil, por exemplo, o investimento nas práticas esportivas e no lazer era uma política que gerava uma série de programas pedagógicos voltados à prática de atividades físicas. A partir disso, o indivíduo deveria desenvolver e aprimorar os gestos e comportamentos do corpo, mas também aprender a respeitar os valores morais. A prática da atividade física no cotidiano das pessoas era estimulada para evitar críticas e questionamentos ao governo (VIEIRA, 2009; SOUSA, 2015).

A realização de exercícios físicos obrigatórios contida na rotina das Colônias de Férias é um exemplo de controle minucioso da disciplina. Isso porque, apesar de serem justificados pelo benefício à saúde que promoviam e promovem, os exercícios também podem ser vistos como forma de docilizar os corpos, tornando-os mais obedientes e civilizados.

Foucault (1999) afirma que o corpo é, para o poder disciplinar, um objeto que deve ser imposto a limitações, proibições e obrigações. Podemos considerar este último como correspondente da execução obrigatória de atividade física nas Colônias de Férias, sendo importante lembrar que os exercícios perpassam toda a história das Colônias, desde seu surgimento até os dias atuais.

Podemos observar a relação de obediência/civilização com operações dirigidas ao corpo quando Foucault (1999, p.119) afirma:

O momento das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, seus gestos, de seus comportamentos.

O controle das atividades e os horários para cada uma delas também podem ser consideradas características do poder disciplinar. Ao falar sobre esse tipo de controle nas Colônias de Férias, Silva (2008) nomeia essa imposição de “pacote de atividades”. Nesse sentido, um conjunto de obrigações é imposto, uma ordem de movimentos deve ser executada de acordo com a prescrição, duração, amplitude, direção e outros elementos predeterminados (FOUCAULT, 1999).

Foucault (1999) utiliza vários exemplos para demonstrar o controle de atividades: diversas instituições determinavam o horário de chegada, de início, de intervalo, de retorno, de cessar e de partida. O controle do horário em que cada atividade deve ser desempenhada é uma característica do poder disciplinar. Segundo o autor, o “tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado ao seu exercício” (FOUCAULT, 1999, p. 129). Conseguimos encontrar este tipo de controle na rotina das Colônias de Férias a partir do momento em que algumas instituições de lazer podem ser comparadas ao ambiente de trabalho (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Desta forma, o lazer, que inicialmente era considerado como um campo oposto ao trabalho, tornou-se um complemento do mesmo. Hodiernamente, essa relação foi elevada a um patamar que transformou ambos em um só. Tem-se, então, como tendência inexorável

para um futuro próximo, a coexistência do lazer com o trabalho, visto que muitas empresas vêm adotando, no clima organizacional, espaços de lazer (STÊNICO; PAES, 2016).

Outra forma de manifestação do poder disciplinar é a vigilância permanente para que as más condutas não sejam desempenhadas. Durante as Colônias de Férias, há sempre um professor ou alguém que possa intervir caso algo fuja de um roteiro pré-estabelecido pela instituição. Da mesma forma acontece na escola quando o comportamento do aluno não se enquadra nos parâmetros determinados. Dessa maneira, “toda e qualquer tentativa de fuga a essa forma de vida [...] deve, assim, ser evitada” (CARVALHO; ROSEIRO, 2015).

Para Ferreira (2015), o ensino na modernidade se dá por um processo de vigilância que delimita condutas que levam a uma padronização, criando nos indivíduos uma incapacidade de romper com estratégias de poder. Nesse sentido, os campos da educação esperam alunos dedicados em seus estudos, mas também apáticos, controlados e domesticados.

Podemos perceber a presença da vigilância entre as peculiaridades do poder disciplinar no seguinte trecho em que Foucault (2005, p. 288) resume algumas características desta tecnologia de poder:

Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho.

Berto; Ferreira Neto e Schneider (2009) também afirmam que as Colônias de Férias deveriam contribuir para o melhoramento da raça e da espécie, uma das características da biopolítica, segundo Caponi (2009). Para a autora, o corpo e a vida tornam-se alvos privilegiados de saber e intervenções corretivas. Os direitos são postos em segundo plano, a maior preocupação é maximizar o vigor e a saúde.

As Colônias de Férias, desde o século XIX, constituíram-se em políticas de saúde, isto é, ações governamentais diante das condições de saúde das crianças e adolescentes. Contudo, as relações de poder-saber na formação das Colônias de Férias podem envolver dominação da subjetividade ao produzir corpos úteis economicamente e dóceis politicamente. Trata-se da anatomia do esquadramento do corpo para produzir um *self* disciplinado.

A justificativa para as Colônias de Férias, quando fundamentadas em pressupostos higienistas, reforçam a dominação racional-legal. A ciência como produtora de verdade diz o imperativo sobre corpos saudáveis.

### **Lazer e Controle**

Hoje encontramos diversos objetivos nas Colônias de Férias. Dependendo dos pressupostos da instituição, eles podem ser desde recreativos e desportivos até socializantes e culturais, mas a maioria das colônias possui objetivos mistos, geralmente dedicando suas atividades à promoção do lazer (SILVA; BRETAS; CALDAS, 2013).

Para Elias e Dunning (1992, p. 107), o lazer é “uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”. Marcellino (2006) afirma que a diversão e o descanso são valores comumente associados

ao lazer, porém há outras possibilidades envolvidas no lazer que são pouco percebidas. É o caso do desenvolvimento social e pessoal que o lazer oportuniza. Dessa forma, o conteúdo das atividades do lazer pode ser potencialmente educativo, abrindo um leque enorme de possibilidades pedagógicas que permeiam o mesmo. Assim, ampliam-se os olhares e sensibilidades necessários à construção de uma sociedade igualitária e democrática por intermédio dos processos educativos do lazer (PEREIRA *et al.*, 2015).

A partir dessas definições, percebemos a relação do lazer com a capacidade voluntária que o indivíduo deve ter no momento da escolha de atividades no seu tempo disponível. Assim, estaria livre de coações externas e obrigações. No entanto, também observamos que, apesar da busca pela satisfação pessoal, é provável que haja uma evolução deste indivíduo, ainda que esta não fosse a intenção primária.

É importante lembrar que o tipo de Colônia de Férias considerado neste estudo é aquele caracterizado por atividades programadas por profissionais especializados, num determinado espaço, que tem a finalidade de promover o lazer. As principais atividades desse tipo de Colônia são físicas, como jogos, diversas modalidades esportivas, atividades recreativas, rítmicas, entre outras. Isso porque a finalidade geralmente é proporcionar aos escolares em férias a oportunidade de preencherem esse período de forma orientada com atividades físicas e de lazer, estimulando o gosto pelas mesmas (STEINHIBER, 1995; MARCELLINO, 2006).

Silva (2008), ao estudar as Colônias de Férias desse tipo, considera que há uma grande difusão destes eventos no Brasil e que, por consequência disso, vários profissionais de Educação Física estão envolvidos e trabalhando nestes espaços. No entanto, a autora nos chama a atenção para o “pacote de atividades” que geralmente é imposto às crianças. Essa

formatação desconsidera características que são específicas de cada grupo. Ela afirma que a Colônia de Férias pode ser uma grande ferramenta para a construção coletiva, mas, para isso, é preciso superar certas práticas de caráter ocupacional e assistencialista e pensar em maneiras críticas e criativas que possam estimular a autonomia das crianças.

Melo e Alves Júnior (2012), ao apoiarem-se nos paradigmas de Pierre Besnard (1991) sobre a animação cultural, utilizam esse tipo de Colônias de Férias como exemplo do paradigma tecnológico<sup>4</sup>. Assim, o objetivo é provocar, de forma dirigida e técnica, a mudança de comportamento das posturas que devem ser adotadas. Não há intenção de intervenção na ordem social, mas interesse na adequação à mesma. Todos estão submetidos aos estímulos de um educador que, a partir de um programa pronto de trabalho, não oportuniza a autonomia das crianças, o que acaba desconsiderando a individualidade dos educandos. Os autores comparam o rígido programa destas instituições de lazer ao ambiente de trabalho, por seu rigor, incluindo o cumprimento de horários.

Para Pereira (2016), a fronteira entre o tempo de vida<sup>5</sup> e o trabalho está cada vez mais porosa. É por isso que devemos considerar o poder como uma rede produtiva que vai além de uma repressão e que atravessa todo o corpo social. O poder é aceito exatamente porque não é visto apenas como uma força negativa. Ele produz discursos, coisas, induz ao prazer e ao saber (FOUCAULT, 2014). Carvalho e Roseiro (2015) afirmam que tanto a educação quanto a pedagogia se incumbem de uma arte de gerir a vida e determinar uma

---

<sup>4</sup> Um dos modelos de animação cultural propostos por Pierre Besnard (1991) e aceita por José Antonio Caride Gomez (1997). Neste paradigma, o animador observa a realidade e tenta intervir no que está errado de maneira verticalizada, tendo como princípio o seu conhecimento instrumental proveniente de conteúdos acadêmicos. O objetivo deste paradigma é determinar, de maneira hierarquizada, as posturas que devem ser adotadas. O animador, neste caso, prescreve atividades de acordo com o que julga necessário, assim sobra pouco espaço para a conscientização sobre desenvolvimento social e individual dos alunos.

<sup>5</sup> O lazer como tempo de vida implica na vida social plena de relações humanas interpessoais e momento de desenvolvimento integral do homem (PEREIRA, 2016).

forma de vida esperada. Para o biopoder, mesmo no momento de lazer, o indivíduo deve agir de acordo com os mecanismos de micropoder. Que mecanismos são estes? São as formas que devemos aproveitar este tempo de acordo com o que o próprio biopoder prega. Geralmente são práticas esportivas, o cinema, a leitura, o *shopping* (PEREIRA, 2016).

Nesse sentido, leva-se em conta que todo o tempo de inatividade deve ser usado para produzir algo. Por isso mesmo, no tempo de lazer, é preciso se manter ocupado de acordo com as práticas incentivadas por aquele ou por aquilo que pretende tornar o tempo mais útil e proveitoso. O que mais importa é retirar vantagens do tempo de lazer também para estimular o consumo e a produção, mesmo que indiretamente. Por isso, mesmo achando que estamos realizando determinada atividade durante o tempo disponível por espontânea vontade, sempre haverá a desconfiança de que este anseio surgiu de uma semente que foi plantada em nosso sentimento em alguma ocasião, provavelmente sem que pudéssemos perceber.

É conflitante pensar que a principal função das práticas de lazer é a fuga deste poder disciplinador e vigilante do biopoder. Isto é dito, principalmente, porque neste momento o indivíduo desenvolve potencialidades na medida em que o autoconhecimento e a realização pessoal são possíveis neste tempo. O que encontramos é um indivíduo disciplinado, regulado e normalizado (PEREIRA, 2016).

Apesar de a maioria das Colônias de Férias serem conhecidas como instituições de recreação e lazer, elas também possuem características voltadas para a educação e a saúde. Souza *et al.* (2015) afirmam que as Colônias de Férias, como espaços sociais não-formais destinados a crianças durante o período de férias escolares, são espaços úteis na produção de saúde. Um bom exemplo de Colônias de Férias no âmbito da saúde são aquelas que

atendem jovens diabéticos. Estas instituições possuem uma programação composta de atividades de lazer e a dieta é adequada à condição diabética. Os exercícios físicos e o esporte são utilizados de forma controlada, sempre seguindo as orientações das diretrizes vigentes. A glicemia capilar é monitorada, no mínimo, quatro vezes por dia e os jovens recebem instruções sobre cuidados que devem ter em suas rotinas e estímulos ao auto monitoramento (ALCANTRA; GONÇALVES, 1985; VIVOLO; FERREIRA; SUSTOVICH, 1993; HELENO *et al.*; 2009).

As Colônias de Férias podem ser poderosas ferramentas voltadas para práticas de hábitos saudáveis e também higiênicos utilizando estratégias de educação em saúde. Um destes casos é quando estes eventos são vistos como oportunidade de utilizar metodologias ativas e tecnologias simples para a orientação de práticas com ênfase na saúde bucal das crianças (SOUZA *et al.*, 2015).

A Educação Física nas Colônias de Férias também contém um caráter pertencente às preocupações da área da saúde. Como dito anteriormente, em geral, a finalidade é oportunizar o preenchimento do período de férias com atividades físicas orientadas, estimulando o gosto pelas mesmas.

A atividade física é considerada determinante na qualidade de vida das pessoas. O sedentarismo aumenta o risco do aparecimento de muitas doenças crônicas e não transmissíveis (DCNT), como doenças cardíacas, diabetes tipo 2 e câncer, além de reduzir a expectativa de vida (HURSTING, 2014; LEWIS, 2013; BISWAS *et al.*, 2015). Sabendo que a maioria da população é inativa, trata-se de um dos maiores problemas de saúde pública a nível mundial (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2009). Nesse sentido, estimular o gosto pela prática de atividades físicas pode aumentar as chances de as crianças

se tornarem adultos fisicamente ativos, podendo prevenir o aparecimento das doenças (ALVES, 2003; CABRERA *et al.*, 2014).

Segundo Souza *et al.* (2015), as práticas de promoção da saúde nos diferentes espaços sociais e por diferentes classes de profissionais manifestam mecanismos de controle social e manejo de vulneráveis. Não há problemas em estimular os cuidados com a saúde das crianças durante um evento como uma Colônia de Férias. A grande preocupação está quando se reduz ao biológico vários campos da vida do indivíduo, como os campos ético e político. Segundo Machado e Lessa (2012), o fenômeno da medicalização reduz todas as formas de vida, de subjetividade, ao simples fato biológico da vida. “Com isso se exerce um movimento no sentido de não se olhar tudo que está à volta dessas produções, as condições de vida da sociedade, seus direcionamentos sociais, históricos e políticos” (FERREIRA, 2015, p. 596).

Desse modo, percebemos como a medicalização atua na área da saúde, uma das áreas abarcada pelas Colônias de Férias, que também abrangem áreas como educação e lazer. Carvalho e Roseiro (2015) apontam que, devido à medicalização, a educação tem produzido alunos apáticos, domesticados e controlados. Os alunos precisam dar conta de responder às demandas que a equipe pedagógica lhe faz. É a isso que Mello e Alves Junior (2012) afirmam quando se dirigem às Colônias de Férias como um local que busca provocar, de forma dirigida, a mudança de comportamento de maneira técnica.

Sendo assim, ainda que o lazer seja considerado um dos principais objetivos das Colônias de Férias, e mesmo sabendo que o conteúdo de suas atividades pode ser potencialmente educativo, oportunizando o desenvolvimento social e pessoal de indivíduos, é possível que, de alguma forma, o controle e a imposição do poder estejam presentes à

medida que se retira a autonomia das crianças e implanta-se um regime semelhante ao disciplinar, explicado por Foucault. Além disso, a partir da motivação do surgimento destas instituições e de muitos objetivos a elas relacionados, percebemos características de outra tecnologia de poder: a biopolítica.

Diante disso, é possível perceber que houve poucas mudanças na história das Colônias de Férias. Notamos a influência da disciplina por conta, principalmente, de algumas características, como os exercícios físicos controlados, os horários fixados para cada atividade e para o momento do lanche, a forma como as atividades são conduzidas e a fiscalização sempre presente. Além disso, encontramos traços da biopolítica quando analisamos os objetivos das colônias acima exemplificadas. Os exemplos demonstram preocupação com a saúde dos participantes e da população, pretendendo prevenir e minimizar os efeitos de problemas de saúde pública. Além disso, os exames constantes e a transmissão de informações sobre os cuidados com a saúde também carregam qualidades relativas a esta tecnologia de poder.

### **Considerações Finais**

Apesar de as Colônias de Férias geralmente apresentarem o lazer como principal instrumento, também encontramos fortes características do poder disciplinar e da biopolítica. Percebe-se o poder disciplinar a partir da presença das atividades obrigatórias e regradas, da organização em série e alinhamento, da regulação de costumes e hábitos, dos horários e rotinas pré-estabelecidos, da vigilância permanente e do adestramento e submissão do corpo.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista, o corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 2014, p. 144).

A biopolítica é a prática de biopoderes locais, que engloba todas as estratégias e contestações sobre a vitalidade humana coletiva, morbidade e mortalidade sobre formas de conhecimento, autoridade e práticas de intervenção legítimas e eficazes. A partir disso, é possível controlar populações inteiras através da justificativa fiel de proteção à saúde, pois o objeto da biopolítica é a população, a saúde e a vida.

A biopolítica aparece por meio da preocupação com a saúde da população que, por vezes, é colocada como prioridade, acima das escolhas dos indivíduos, além do uso das medidas com padrões globais para o estabelecimento de um do controle através de estatísticas. Se considerarmos apenas o lazer que é implantado nas Colônias de Férias, encontramos o domínio dos estímulos em apenas um grupo que, a partir de uma programação já pronta, conduz todo o evento sem oportunizar a autonomia.

Ratificamos que o poder não deve ser encarado apenas como algo negativo. O poder é capaz de produzir a partir da gestão da vida, aproveitando as potencialidades de cada indivíduo, na intenção de aprimorá-las, adentrando-os. Não há a intenção de vangloriar as estratégias de poder através da apresentação de procedimentos e artifícios do biopoder e do poder disciplinar presentes nas Colônias de Férias até hoje. Também não pretendemos aqui defender tais artifícios.

Cabe, a partir deste ensaio, um olhar mais cauteloso quando nos referimos à educação, saúde e lazer de nossas crianças em Colônias de Férias. Produzir é algo importante e excessivamente valorizado na sociedade atual. Todavia, precisamos lembrar que a principal essência de qualquer trabalho são os seres humanos. Estes precisam conhecer e aceitar esta humanidade, participando ativamente e de forma autoral na construção de suas vidas.

### REFERÊNCIAS

ABREU JUNIOR, L. M.; GUIMARÃES, P. C. D.; CARVALHO, E. V. Por uma análise Foucaultiana do poder e da ordem dos discursos sobre o higienismo na educação brasileira (1925-1930). In: CONGRESSO DE ENSINO E PESQUISA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 5, 2009, Minas Gerais. *Anais...* Minas Gerais: Montes Claros, 2009.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialektik der Aufklärung**: Philosophische Fragmente. 3 ed. Frankfurt: Fisher Verlag GmbH, 2003.

ALCANTRA, S. M. C.; GONÇALVES, N. F. Assistência a crianças diabéticas em colônia de férias: uma contribuição da enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 1, n. 2, 118-138, 1985.

ALVES, J. G. B. Atividade física em crianças: promovendo a saúde do adulto. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 3, n. 1, p. 5-6, 2003.

BARBIANI, R. *et al.* Metamorfoses da medicalização e seus impactos na família brasileira. **Physis**, v. 24, n. 2, p. 567-587, 2014.

BERTO, R. C.; FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O. Parques infantis e colônias de férias como espaços/tempos de educação da infância (1930-1940). **Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, p. 1-12, 2009.

BESNARD, P. **La Animación Sociocultural**. Barcelona: Paidós Educador, 1991.

BISWAS, A. *et al.* Sedentary time and its association with risk for disease incidence, mortality, and hospitalization in adults: a systematic review and meta-analysis. **Annals of Internal Medicine**, v. 162, n. 2, p. 123-132, 2015.

CABRERA, T. F. C. *et al.* Análise da prevalência de sobrepeso e obesidade e do nível de atividade física em crianças e adolescentes de uma cidade do sudoeste de São Paulo. **Journal of Human Growth and Development**, v. 24, n. 1, p. 67-72, 2014.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CAPONI, S. Biopolítica e medicalização dos anormais. **Physis**, v. 19, n. 2, p. 529-549, 2009.

CAPONI, S. **Loucos e degenerados**: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. 210 p.

CARVALHO, J. M.; ROSEIRO, S. Z. Vida nua, vida-criança, vida-aluno: rastros de identidade e diferença afirmando um “estado de exceção”. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, p. 599-613, 2015.

DALBEN, A. **Mais do que energia, uma aventura do corpo**: as colônias de férias escolares na América do Sul (1882-1950). 2014. 415 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, R. R. A medicalização nas relações saber-poder: um olhar acerca da infância medicalizada. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 4, p. 587-598, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMEZ, J. Paradigmas teóricos em la animación sociocultural. In: BERNET, J. **Animación Sociocultural**. Barcelona: Ariel, 1997. p.41-60.

HAUSMANN, G. **Bion, Walter**. Nova biografia alemã (1955). 250 f. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/gnd135548896.html#ndbcontent>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

HELENO, M. G. V. *et al.* Acampamento de férias para jovens com Diabetes Mellitus tipo I: achados da abordagem psicológica. **Boletim de Psicologia**, v. 59, n. 130, p. 77-90, 2009.

HURSTING, S. D. Obesity, energy balance, and cancer: a mechanistic perspective. **Cancer Treatment and Research**, v. 159, p. 21-33, 2014.

ISAYAMA, H. F. Atuação do profissional de Educação Física no âmbito do lazer: a perspectiva da animação cultural. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 407-413, 2009.

LECHOPIER, N. Quatro tensões na saúde pública. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 83, p. 209-231, 2015.

LEWIS, G. F. Devastating metabolic consequences of a life of plenty: focus on the dyslipidemia of overnutrition. **Clinical & Investigative Medicine**, v. 36, n. 5, p. 242-247, 2013.

MACHADO, L.; LESSA, P. Medicalização da vida: ética, saúde pública, e indústria farmacêutica. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 741-743, 2012.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2012.

MILL, J. S. **Utilitarianism**. Virginia: IndyPublish, 2005.

MORAES, A. **Colônias de férias**: estudo de hygiene social. Dissertação Inaugural. Repositório aberto. Universidade do Porto, 1906. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/61141>. Acesso em: 23 maio 2015.

MOREL, B. A. Tratado das degenerescências na espécie humana. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, n. 3, p. 497-501, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Global health risks**: mortality and burden of disease attributable to selected major risks. Geneva: World Health Organization, 2009.

PEREIRA, A. *et al.* A atuação profissional no campo do lazer: reflexões sobre aspectos éticos. **Licere**, v. 18, n. 2, p. 243-261, 2015.

PEREIRA, M. A. S. A influência do Biopoder na economia: o tempo livre vigiado e consumido. **Revista Direito UFMS**, v. 1, n. 1, p. 67-85, 2016.

PITANGA, F. J. G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 3, p. 49-54, 2002.

SILVA, D. A. M. Colônia de férias temática: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire. **Licere**, v. 11, n. 2, 2008.

SILVA, S. R.; BRETAS, P.; CALDAS, C. D. P. C. Colônia de férias: uma experiência de formação. **Kinesis**, v. 30, n. 2, p. 93-102, 2013.

SOUZA, R. A. F. *et al.* Colônia de férias: um espaço social a ser explorado pela saúde? **Revista ELO**, v. 3, n. 1, p. 70-77, 2015.

SOUSA, R. C. Uma higiene moral e do corpo: educação moral e cívica, as atividades físicas, esportivas e de lazer durante a ditadura militar. **Outros Tempos**, v. 12, n. 19, p. 57-74, 2015.

STEINHILBER, J. **Colônia de Férias**: organização e administração. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. 136 p.

STÊNICO, J. A. G.; PAES, M. S. P. Lazer: do tempo livre à dimensão cultural e as novas formas de alienação. **Licere**, v. 19, n. 1, p. 327-355, 2016.

TOULIER, B. Les colonies de vacances en France, quelle architecture? **In Situ**, v. 9, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ofício do Diretor Médico da Colônia de Férias “Tudo pelo Brasil” à Frederico Guilherme Gaelzer (1943)**. UFRG, Repositório Digital. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40800>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

VIEIRA, M. A. T. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da ditadura militar (1964-1985). In: DEL PRIORE, M.; MELLO, V. A. (Org.). **História dos esportes no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Unesp, 2009. p. 387-414.

VIVOLO, M. A.; FERREIRA, S. R. G.; SUSTOVICH, C. Experiência com colônia de férias para jovens diabéticos: proposta de educação e aperfeiçoamento profissional. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 37, n. 2, p. 64-68, 1993.

### **Endereço dos Autores:**

Rafael da Silva Mattos  
Rua São Francisco Xavier 524 – Pavilhão João Lyra Filho  
8º andar, Bloco F, sala 8104 – Maracanã  
Rio de Janeiro – RJ – 20.550-900  
Endereço Eletrônico: profmattos2010@gmail.com

Stephany de Sá Nascimento  
Rua São Francisco Xavier 524 – Pavilhão João Lyra Filho  
8º andar, Bloco F, sala 8104 – Maracanã  
Rio de Janeiro – RJ – 20.550-900  
Endereço Eletrônico: nascimento\_stephany@hotmail.com

Leonardo Hernandez Oliveira  
Rua São Francisco Xavier 524 – Pavilhão João Lyra Filho

Rafael da Silva Mattos, Stephany de Sá Nascimento,  
Leonardo Hernandes Oliveira, Juliana Brandão Pinto de Castro e  
Fernanda Aquino

Colônias de Férias

8º andar, Bloco F, sala 8104 – Maracanã  
Rio de Janeiro – RJ – 20.550-900  
Endereço Eletrônico: lhernandes.uerj@gmail.com

Juliana Brandão Pinto de Castro  
Rua São Francisco Xavier 524 – Pavilhão João Lyra Filho  
8º andar, Bloco F, sala 8104 – Maracanã  
Rio de Janeiro – RJ – 20.550-900  
Endereço Eletrônico: julianabrandaoflp@hotmail.com

Fernanda Aquino  
Av. Pedro Calmon, 550 - Cidade Universitária  
Rio de Janeiro – RJ – 21.941-901  
Endereço Eletrônico: fernandavasco@yahoo.com.br